

ANTO
LOGIA
DE
AUTO
RES
DA
CPLP

MAIO 2013

Coordenação do Ensino
Português no Reino Unido
e Ilhas do Canal
Ministério dos Negócios Estrangeiros

 **CAMÕES**
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

No segundo ano de comemoração do Dia da Língua e da Cultura Portuguesas, oferecemos o segundo volume da Antologia de Autores da CPLP.

Os textos aqui apresentados são os lidos pelos alunos da rede de ensino Português no Reino Unido e Ilhas do Canal, pela celebração do dia 5 de maio. São poemas de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, S. Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

Com este evento, queremos festejar o facto de termos uma rede de ensino rica e variada, numa sociedade tão multicultural como é a britânica. Os alunos de Português no Reino Unido são oriundos de todos os pontos da lusofonia e esse é um valor acrescido nas nossas aulas.

Celebramos também a nossa língua e cultura nas suas variedades por esse mundo fora, orgulhosos que somos de falarmos uma língua viajada e vivida em todo o mundo.

Londres, 5 de maio de 2013

Regina dos Santos Duarte

Coordenadora do Ensino Português no Reino Unido e Ilhas do Canal

Instituto Camões – Embaixada de Portugal em Londres



I- POESIA

Angola

Quitandeira de Luanda, Maria Eugénia
Lima
Cerimônia de Passagem, Ana Paula
Ribeiro Tavares
Bailarico, Agostinho Neto

Brasil

Mapa da Anatomia: O Olho, Cecília
Meireles
Ou isto ou aquilo, Cecília de Meireles
A Chácara de Chico Bolacha, Cecília
Meireles
Língua de Nhem, Cecília Meireles
O menino azul, Cecília Meireles
Portugal, meu avozinho, Manuel Bandeira
A Porta, Vinicius de Moraes
As Borboletas, Vinicius de Moraes
O Cão, António Miranda
A galinha cor-de-rosa, Duda Machado

Cabo Verde

Barcos, Yolanda Marazzo
Poema do Mar, Jorge Barbosa
Canção dos rapazes da ilha, Aguinaldo
Fonseca

Guiné-Bissau

Regresso, Amílcar Cabral
Murmúrios, Waldir Araújo

Moçambique

Era uma vez, Rogério Manjate
Identidade, Mia Couto

Portugal

Se tu visses o que eu vi, Poema popular
recolhido por Alice Vieira
A rua é das crianças, Ruy Belo
Brinquedo, Miguel Torga
Sei um ninho, Miguel Torga

Frutos, Eugénio de Andrade
Urgentemente, Eugénio de Andrade
Quadras ao gosto popular, Fernando
Pessoa
Balada das vinte meninas friorentas,
Matilde Rosa Araújo
Aquela Nuvem, José Gomes Ferreira
A Raposa e a Cegonha, Adolfo Simões
Muller
Balada da Neve, Augusto Gil
As Pedras, Maria Alberta Menéres
Na idade dos porquês, Alice Gomes
Um arco-íris, Luísa Ducla Soares
A cor que se tem, Maria Cândida Mendonça
Mar Português, Fernando Pessoa
Vozes do Mar, Florbela Espanca
Não fora o mar!, Fernanda de Castro
É fácil trocar as palavras, Fernando Pessoa
Esta língua portuguesa, José Jorge Letria

São Tomé e Príncipe

O ossobó cantou, Francisco José Tenreiro

Timor Leste

Velhas florestas de agora, Fernando Sylvan

**II - PANFLETO MÁGICO EM FORMA
DE ROMANCE:**

As Aventuras de João Sem Medo, de José
Gomes Ferreira (Capítulo I, “O homem
sem cabeça”)





ANGOLA

Quitandeira de Luanda

Eh! laranjinha, ´aranjinha boa
mia siôa!

Vem de longe, do Catete,
onde há batuque e quitende.
Vem de longe o seu sorriso,
sorriso que se intromete
sem querer nos olhos da gente...

Vem de longe o seu sorriso
sempre fresco, sempre aberto.

E o passo ligeiro, certo,
batendo a terra encarnada
já quente ao sol matutino,
revela em cada pegada
o mover airoso, fino,
de uma rainha ignorada.

Leva colar de missanga,
panos de garrida cor.
E nos lábios - a verter
tom de madura pitanga -
a promessa de um amor
que é razão do seu viver.

Leva colar de missanga
panos de garrida cor.

Eh! laranjinha, ´aranjinha boa
mia siôa!

Cantando caju ou manga,
maboque, ananás, mamão,
Alta e baixa de Luanda,
o Muceque e Sambizanga
reconhecem-lhe o pregão.

E afirmam certos poetas

que a magia dessas cores
que lhe enfeitam a quitanda,
se derramou das paletas
de exotíssimos pintores.
Dengosa p´la estrada fora,
mal irrompe o claro dia,
com tanta graça apregoa
que a própria aurora
é nela que se anuncia!
Eh! laranjinha, ´aranjinha boa
mia siô...ô...a!

Maria Eugénia Lima



ANGOLA

Cerimônia de Passagem

“a zebra feriu-se na pedra
a pedra produziu lume”

a rapariga provou o sangue
o sangue deu fruto

a mulher semeou o campo
o campo amadureceu o vinho

o homem bebeu o vinho
o vinho cresceu o canto

o velho começou o círculo
o círculo fechou o princípio

“a zebra feriu-se na pedra
a pedra produziu lume”

Ana Paula Ribeiro Tavares



ANGOLA

Bailarico

Vamos dançar
dançar
dançar
que amanhã é feriado
ninguém trabalha.
Haja alegria,
alegria.

Mais uma rumba
uma conga
um samba
nada de valsas
não queremos slows.
Venha o ritmo
do nosso batuque
no som da orquestra de Xavier Cugat.
Tudo dança
minha gente.
Não há cerimónias
podem dançar sem gravata
sem casaco.
Não há aqui ninguém
para nos acusar de selvagens.

Vamos descansar um pouco
dancemos à vontade.
Dancemos
até os nossos sentidos
só perceberam a dança
e o perfume do nosso par
e o ritmo do nosso batuque
no som da orquestra de Xavier Cugat.
Só dança
só alegria.

A vida são dois dias
e amanhã
podemos ir a São Tomé.
Vamos Maria Rosa
remexe-me
essas cadeiras
rapazes da música
rebutem-me com aquele samba

do outro dia.
Alegria!
Rapaziada, animar!
Tudo dança
Minha gente.
Dançar até as oito horas da manhã
Ao ritmo do nosso batuque
que hoje é o dia da alegria
alegria
alegria
só alegria.



BRASIL

Mapa da Anatomia: O Olho

O Olho é uma espécie de globo,

É um pequenino planeta

Com pinturas do lado de fora.

Muitas pinturas:

Azuis, verdes, amarelas.

é um globo brilhante:

parece cristal,

é como um aquário de plantas

finamente desenhadas: algas, sargaços,

miniaturas marinhas, areias, rochas, naufrágios e peixes de ouro.

Mas por dentro há outras pinturas,

Que não se veem:

Umas são imagens do mundo,

Outras são inventadas.

O Olho é um teatro por dentro,

E às vezes, sejam atores, sejam cenas,

e às vezes, sejam imagens, sejam ausências,

formam, no Olho lágrimas.



BRASIL

Ou isto ou aquilo

Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.



BRASIL

A chácara de Chico Bolacha

Na chácara de Chico Bolacha

O que se procura

Nunca se acha!

Quando chove muito,

O Chico brinca de barco,

Porque a chácara vira charco,

Quando não chove nada,

Chico trabalha com a enxada

E logo se machuca

E fica de mão inchada.

Por isso, com o Chico Bolacha,

O que se procura nunca se acha.

Dizem que a chácara do Chico

Só tem mesmo chuchu

E um cachorrinho coxo

Que se chama Caxambu.

Outras coisas, ninguém procure,

Porque não acha.

Coitado do Chico Bolacha!



BRASIL

Língua de Nhem

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém
E estava sempre em casa
a boa da velhinha,
resmungando sozinha
nhem – nhem – nhem – nhem – nhem –
nhem

O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha
pricipiou também
a miar nessa língua,
e se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:
nhem – nhem – nhem – nhem – nhem –
nhem

Depois veio o cachorro
de casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além
e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia

nhem – nhem – nhem – nhem – nhem –
nhem

De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém
ficou toda contente
pois mal abria a boca
tudo lhe respondia:

nhem – nhem – nhem – nhem – nhem –
nhem



BRASIL

O menino azul

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho
que saiba dizer
o nome dos rios,
das montanhas, das flores,
— de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho
que saiba inventar histórias bonitas
com pessoas e bichos
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo
que é como um jardim
apenas mais largo
e talvez mais comprido
e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses,
pode escrever
para a Ruas das Casas,
Número das Portas,
ao Menino Azul que não sabe ler.)



BRASIL

Portugal, meu avozinho

Como foi que temperaste,
Portugal, meu avozinho,
Esse gosto misturado
De saudade e de carinho?

Esse gosto misturado
De pele branca e trigueira
- Gosto de África e de Europa,
Que é o da gente brasileira?

Gosto de samba e de fado,
Portugal, meu avozinho,
Ai Portugal que ensinaste
Ao Brasil o teu carinho!

Tu de um lado, e do outro lado
Nós... No meio o mar profundo...
Mas, por mais fundo que seja,
Somos os dois de um só mundo

Grande mundo de ternura,
Feito de três continentes
Ai, mundo de Portugal,
Gente mãe de tantas gentes!

Ai Portugal de Camões,
Do bom trigo e do bom vinho
Que nos deste, ai avozinho
Esse gosto misturado,
Que é saudade e que é carinho.

Manuel Bandeira



BRASIL

A Porta

Eu sou feita de madeira

Fecho tudo nesse mundo

Madeira, matéria morta

Só vivo aberta no céu!

Mas não há coisa no mundo

Mais viva do que uma porta.

Eu abro devagarinho

Pra passar o menininho

Eu abro bem com cuidado

Pra passar o namorado

Eu abro bem prazenteira

Pra passar a cozinheira

Eu abro de sopetão

Pra passar o capitão.

Só não abro pra essa gente

Que diz (a mim bem me importa...)

Que se uma pessoa é burra

É burra como uma porta.

Eu sou muito inteligente!

Eu fecho a frente da casa

Fecho a frente do quartel

Vinicius de Moraes



BRASIL

As borboletas

Branças

Azuis

Amarelas

E pretas

Brincam

Na luz

As belas

Borboletas

Borboletas brancas

São alegres e francas.

Borboletas azuis

Gostam de muita luz.

As amarelinhas

São tão bonitinhas!

E as pretas, então

Oh, que escuridão!

Vinicius de Moraes



BRASIL

O Cão

Ah que belo animal!

Ah que lindo bichinho!

Foi papai quem me deu

Este sábio cãozinho.

Ele anda de dois pés

Persegue quem passa no caminho.

Quanto é sábio

Este animalzinho.

Certo dia

Atrás do carro, corre

O mesmo dá marcha à ré

E o Lulu morre.

Vinicius de Moraes



BRASIL

A Galinha cor-de-rosa

Era uma galinha cor-de-rosa,
Metida a chique, toda orgulhosa,
Que detestava pisar no chão
Cheio de lama do galinheiro.
Ficava no alto do poleiro
E quando saía do lugar,
Batia as asas para voar.
Mas seus pés acabavam na lama.
Aí armava o maior chilique,
Cacarejava, bicava o galo,
E depois, com ar de rainha,
Lavava os pés numa pocinha.

Duda Machado



CABO VERDE

Barcos

"Nha terra é quel piquinino
É São Vicente é que di meu"

Nas praias
Da minha infância
Morrem barcos
Desmantelados.

Fantasma
De pescadores
Contrabandistas
Desaparecidos
Em qualquer vaga
Nem eu sei onde.

E eu sou a mesma
Tenho dez anos
Brinco na areia
Empunho os remos...
Canto e sorrio...
A embarcação
Para o mar!
É para o mar!...

E o pobre barco
O barco triste
Cansado e frio
Não se moveu...

Yolanda Marazzo



CABO VERDE

Poema do mar

O drama do Mar,
O desassossego domar,
sempre
sempre
dentro de nós!

O Mar!
cercando
prendendo as nossa Ilhas!
Deixando o esmalte do seu salitre
nas faces dos pescadores,
Roncando nas areias das nossas
praias,
Batendo a sua voz de encontro aos
montes,
baloçando os barquinhos de pau
que vão Poe estas costas...

O Mar!
pondo rezas nos lábios,
deixando nos olhos dos que
ficaram
a nostalgia resignada de países
distantes
que chegam até nós nas estampas
das ilustrações
nas fitas de cinema
e nesse ar de outros climas que
trazem os passageiros
quando desembarcam para ver a
pobreza da terra!

O Mar!
a esperança na carta de longe
que talvez não chegue mais!

O Mar!
Saudades dos velhos marinheiros
contando histórias de tempos
passados,

Histórias da baleia que uma vez
virou canoa...
de bebedeiras, de rixas, de
mulheres,
nos portos estrangeiros...

O Mar!
dentro de nós todos,
no canto da Morna,*
no corpo das raparigas morenas,
nas coxas ágeis das pretas,
no desejo da viagem que fica em
sonhos de muita gente!

Este convite de toda a hora
que o Mar nos faz para a evasão!
Este desespero de querer partir
e ter que ficar!

Jorge Barbosa



CABO VERDE

Canção dos rapazes da ilha

Eu sei que fico.

Mas o meu sonho irá

pelo vento, pelas nuvens, pelas asas.

Eu sei que fico

Mas o meu sonho irá ...

Eu sei que fico

Mas o meu sonho irá

Nos frutos, nos colares

E nas fotografias da terra,

Comprados por turistas estrangeiros

Felizes e sorridentes.

Eu sei que fico mas o meu sonho irá ...

Eu sei que fico

Mas o meu sonho irá

Metido na garrafa bem rolhada

Que um dia hei de atirar ao mar.

Eu sei que fico

Mas o meu sonho irá ...

sei que fico

Mas o meu sonho irá

Nos veleiros que desenho na parede.



GUINÉ-BISSAU

Regresso

Mamãe Velha, venha ouvir comigo
O bater da chuva lá no seu portão.
É um bater de amigo
Que vibra dentro do meu coração

A chuva amiga, Mamãe Velha, a chuva,
Que há tanto tempo não batia assim...
Ouvi dizer que a Cidade-Velha
– a ilha toda –
Em poucos dias já virou jardim...

Dizem que o campo se cobriu de verde
Da cor mais bela porque é a cor da esp'rança
Que a terra, agora, é mesmo Cabo Verde.
– É a tempestade que virou bonança...

Venha comigo, Mamãe Velha, venha
Recobre a força e chegue-se ao portão
A chuva amiga já falou mantenha
E bate dentro do meu coração!

Amílcar Cabral



GUINÉ-BISSAU

Murmúrios

Dizem que são murmúrios os ecos
que chegam do fundo deste mar
São palavras soltas aos ventos
frases melódicas para somar

Murmúrios que escondem feitiços
segredos e estórias por desmontar
São lamentos de cores mestiços
São sombras desenhadas ao luar

No fundo deste mar o silêncio fala
grita e clama como a força das marés
Não longe essa voz alguém embala
Não longe os ecos se escutam no convês

No fundo deste mar há tormentos
Há vontade de um silêncio romper
Querer e vontade não são lamentos
No fundo, este mar esconde um poder!

Waldir Araújo



MOÇAMBIQUE

Era uma vez

era uma vez
um passarinho que tanto cantou
até inventar uma floresta.
era encantada.
(floresta não carece de flor,
Está no passarinho.)

quando o poeta chegou
ao meio da floresta
tinha suor, flores, frutos
e grãos de sol no coração
de tanto olhar o passarinho
por dentro do seu canto.

Rogério Manjate



MOÇAMBIQUE

Identidade

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem insecto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço

Mia Couto



PORTUGAL

Se tu visses o que eu vi

Se tu visses o que eu vi
havia de te admirar:
uma cadela com pintos,
uma galinha a ladrar.

Se tu visses o que eu vi
lá no alto do lameiro
um macaco bater sola
a fazer de sapateiro.

Se tu visses o que eu vi
na serra de Guimarães
uma minhoca com pinto
e uma bezerra com cães.

Se tu visses o que eu vi
na feira de Vimioso
sete frades em camisa
a cavalo num raposo.

Se tu visses o que eu vi
no boraco da parede
a cobra a dançar o vira
e o lagarto a cana verde

Poema popular português recolhido por Alice Vieira



PORTUGAL

A rua é das crianças

Ninguém sabe andar na rua como as crianças. Para elas é sempre uma novidade, é uma constante festa transpor umbrais. Sair à rua é para elas muito mais do que sair à rua. Vão com o vento. Não vão a nenhum sítio determinado, não se defendem dos olhares das outras pessoas e nem sequer, em dias escuros, a tempestade se reduz, como para a gente crescida, a um obstáculo que se opõe ao guarda-chuva. Abrem-se à aragem. Não projetam sobre as pedras, sobre as árvores, sobre as outras pessoas que passam, cuidados que não têm. Vão com a mãe à loja, mas apesar disso vão sempre muito mais longe. E nem sequer sabem que são a alegria de quem as vê passar e desaparecer.

Ruy Belo



PORTUGAL

Brinquedo

Foi um sonho que eu tive
Era uma grande estrela de papel
Um cordel
E um menino de bibe.

O menino tinha lançado a estrela
Com ar de quem semeia uma ilusão
E a estrela ia subindo, azul e amarela,
Preso pelo cordel à sua mão.

Mas tão alto subiu
Que deixou de ser estrela de papel
E o menino ao vê-la assim, sorriu
E cortou-lhe o cordel.

Miguel Torga



PORTUGAL

Sei um ninho

Sei um ninho.

E o ninho tem um ovo.

E o ovo, redondinho,

Tem lá dentro um passarinho

Novo.

Mas escusam de me atentar:

Nem o tiro, nem o ensino.

Quero ser um bom menino

E guardar

Este segredo comigo.

E ter depois um amigo

Que faça o pino

A voar...

Miguel Torga



PORTUGAL

História Antiga

História Antiga

Era uma vez, lá na Judeia, um rei.
Feio bicho, de resto:
Uma cara de burro sem cabresto
E duas grandes tranças.
A gente olhava, reparava, e via
Que naquela figura não havia
Olhos de quem gosta de crianças.

E, na verdade, assim acontecia.
Porque um dia,
O malvado,
Só por ter o poder de quem é rei
Por não ter coração,
Sem mais nem menos,
Mandou matar quantos eram pequenos
Nas cidades e aldeias da Nação.

Mas,
Por acaso ou milagre, aconteceu
Que, num burrinho pela areia fora,
Fugiu
Daquelas mãos de sangue um pequenito
Que o vivo sol da vida acarinhou;

E bastou
Esse palmo de sonho
Para encher este mundo de alegria;
Para crescer, ser Deus;
E meter no inferno o tal das tranças,
Só porque ele não gostava de crianças.

Miguel Torga



PORTUGAL

Frutos

Pêssegos, pêras, laranjas,
morangos, cerejas, figos,
maçãs, melão, melancia,
ó música de meus sentidos,
pura delícia da língua;
deixai-me agora falar
do fruto que me fascina,
pelo sabor, pela cor,
pelo aroma das sílabas:
tangerina, tangerina.

Eugénio de Andrade



PORTUGAL

Urgentemente

É urgente o Amor,

É urgente um barco no mar.

É urgente destruir certas palavras

ódio, solidão e crueldade,

alguns lamentos,

muitas espadas.

É urgente inventar alegria,

multiplicar os beijos, as searas,

é urgente descobrir rosas e rios

e manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros,

e a luz impura até doer.

É urgente o amor,

É urgente permanecer.

Eugénio de Andrade



PORTUGAL

Quadras ao gosto popular

Duas horas te esperei
Dois anos te esperaria.
Dize: devo esperar mais?
Ou não vens porque inda é dia?

No baile em que dançam todos
Alguém fica sem dançar.
Melhor é não ir ao baile
Do que estar lá sem lá estar.

Tenho um livrinho onde escrevo
Quando me esqueço de ti.
É um livro de capa negra
Onde inda nada escrevi.

Dá-me um sorriso a brincar,
Dá-me uma palavra a rir,
Eu me tenho por feliz
Só de te ver e te ouvir.

Fernando Pessoa



PORTUGAL

Balada das vinte meninas friorentas

Vinte meninas, não mais,
Eu via ali no beiral:
Tinham cabecinha preta
E branquinho o avental.

Vinte meninas, não mais,
Eu via naquele muro:
Tinham cabecinha preta,
Vestidinho azul escuro.

As minhas vinte meninas,
Capinhas dizendo adeus,
Chegaram na Primavera
E acenaram lá dos céus.

As minhas vinte meninas
Dormiam quentes num ninho
Feito de amor e de terra,
Feito de lama e carinho.

As minhas vinte meninas
Para o almoço e o jantar
Tinham coisas pequeninas,
Que apanhavam pelo ar.

Já passou a Primavera
Suas horas pequeninas:
E houve um milagre nos ninhos.
Pois foram mães, as meninas!

Eram ovos redondinhos
Que apetecia beijar:
Ovos que continham vidas
E asinhas para voar.

Já não são vinte meninas
Que a luz do Sol acalenta.
São muitas mais! muitas mais!
Não são vinte, são oitenta!

Depois oitenta meninas
Eu via ali no beiral:
Tinham cabecinha preta
E branquinho o avental.

Mas as oitenta meninas,
Capinhas dizendo adeus,
Em certo dia de Outono
Perderam-se pelos céus.



PORTUGAL

Aquela nuvem

Aquela nuvem
Parece um cavalo...

Ah! Se eu pudesse montá-lo!

Aquela?

Mas já não é um cavalo,
É uma barca à vela.

Não faz mal.

Queria embarcar nela.

Aquela?

Mas já não é um navio,
É uma torre amarela

A vogar no frio

Onde encerraram uma donzela.

Não faz mal.

Quero ter asas

Para a espreitar da janela.

Vá, lancem-me no mar

Donde voam as nuvens

Para ir numa delas

Tomar mil formas

Com sabor a sal

- Labirinto de sombras e de cisnes

No céu de água-sol-vento-luz concreto e
irreal...

José Gomes Ferreira



PORTUGAL

A raposa e a cegonha

O sr. Pombo, o carteiro,
trouxe um bilhete à
Cegonha,
em folha de pessegueiro,
que ela soletrou, risonha:
«Dona Raposa, a
Vossência,
envia muito saudar,
aguardando a comparência
de Vossência no jantar
que às Tantas do dia Tal
do corrente, se efectua
no Retiro do Pardal,
na rua da Catatua.
Não diga nada ao correio
e creia-me ao seu dispor.
Traje: simples, de passeio
R.S.F.F. (Responda, se faz
favor).»
É claro: à hora marcada,
no dia Tal, no bilhete,
Dona Cegonha, apressada
lá seguiu para o banquete.
Mas foi uma decepção,
pois a Raposa, matreira,

fez servir a refeição
numa pedra da ribeira...
E, enquanto a pobre
Cegonha
achava o caso bicudo,
a Raposa, sem vergonha,
tratava de comer tudo!
Mas a Cegonha, à saída,
despediu-se em tom amigo:
- Gostei muito da comida!
Almoce amanhã comigo!
De manhãzinha, a Raposa,
sempre cheia de apetite,
não quis saber doutra coisa
senão daquele convite.
- Sim, senhora! Bela mesa!
-
gritou logo, satisfeita –
Cheira que é uma beleza!
Há-de me dar a receita...
- Bem digo eu, afinal,
e a colegas das melhores,
que dona de casa igual
não há nestes arredores!
Pôs então o guardanapo,
pensando, de olhos em
alvo,
que havia de encher o papo

graças a mais um papalvo...
Já a Cegonha servia,
prazenteira, o seu almoço,
numa bilha muito esguia
e funda que nem um poço.
Só um bico, desta vez,
podia chegar ao fundo...
Foi o que a Cegonha fez:
rapou tudo num segundo.
E fula, de olhar em brasa,
a Raposa, como louca,
teve de voltar a casa,
fazendo cruzeiros na boca.
Vingança é coisa
mesquinha!
Mas na vida quem faz mal
paga às vezes a continha
com juro e capital...

Adolfo Simões Muller



PORTUGAL

Balada da neve

Batem leve, levemente,
como quem chama por mim.
Será chuva? Será gente?
Gente não é, certamente
e a chuva não bate assim.
É talvez a ventania:
mas há pouco, há pouquinho,
nem uma agulha bulia
na quieta melancolia
dos pinheiros do caminho...
Quem bate, assim, levemente,
com tão estranha leveza,
que mal se ouve, mal se sente?
Não é chuva, nem é gente,
nem é vento com certeza.
Fui ver. A neve caía
do azul cinzento do céu,
branca e leve, branca e fria...
– Há quanto tempo a não via!
E que saudades, Deus meu!
Olho-a através da vidraça.
Pôs tudo da cor do linho.
Passa gente e, quando passa,
os passos imprime e traça

na brancura do caminho...
Fico olhando esses sinais
da pobre gente que avança,
e noto, por entre os mais,
os traços miniaturais
duns pezitos de criança...
E descalcinhos, doridos...
a neve deixa inda vê-los,
primeiro, bem definidos,
depois, em sulcos compridos,
porque não podia erguê-los!...
Que quem já é pecador
sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
porque lhes dais tanta dor?!...
Porque padecem assim?!...
E uma infinita tristeza,
uma funda turbação
entra em mim, fica em mim presa.
Cai neve na Natureza
– e cai no meu coração.

Augusto Gil



PORTUGAL

As Pedras

As pedras falam? pois falam
mas não à nossa maneira,
que todas as coisas sabem
uma história que não calam.
Debaixo dos nossos pés
ou dentro da nossa mão
o que pensarão de nós?
O que de nós pensarão?
As pedras cantam nos lagos
choram no meio da rua
tremem de frio e de medo
quando a noite é fria e escura.
Riem nos muros ao sol,
no fundo do mar se esquecem.
Umam partem como as aves
e nem mais tarde regressam.
Brilham quando a chuva cai.
Vestem-se de musgo verde
em casa velha ou em fonte
que saiba matar a sede.
Foi de duas pedras duras
que a faísca rebentou:
uma germinou em flor
e a outra nos céus voou.

As pedras falam? pois falam.
Só as entende quem quer,
que todas as coisas têm
uma coisa para dizer.



PORTUGAL

Na idade dos porquês

Professor diz-me porquê?

Por que voa o papagaio

que solto no ar

que vejo voar

tão alto no vento

que o meu pensamento

não pode alcançar?

Professor diz-me porquê?

Por que roda o meu pião?

Ele não tem nenhuma roda

e roda gira rodopia

e cai morto no chão...

Tenho nove anos professor

e há tanto mistério à minha
roda

que eu queria desvendar!

Por que é que o céu é azul?

Por que é que marulha o
mar?

Porquê?

Tanto porquê que eu
queria saber!

E tu que não me queres
responder!

Tu falas falas professor

daquilo que te interessa

e que a mim não interessa.

Tu obrigas-me a ouvir

quando eu quero falar.

Obrigas-me a dizer

quando eu quero escutar.

Se eu vou a descobrir

fazes-me decorar.

É a luta professor

a luta em vez de amor.

Eu sou uma criança.

Tu és mais alto

mais forte

mais poderoso.

E a minha lança

quebra-se de encontro à
tua muralha.

Mas

enquanto a tua voz
zangada ralha

tu sabes professor

eu fecho-me por dentro

faço uma cara resignada

e finjo

finjo que não penso em
nada.

Mas penso.

Penso em como era
engraçada

aquela rã

que esta manhã ouvi
coaxar.

Que graça que tinha

aquela andorinha

que ontem à tarde vi
passar!...

E quando tu depois vens
definir

o que são as conjunções

e preposições...

quando me fazes repetir

que os corações

têm duas aurículas e dois
ventrículos

e tantas

tantas mais definições

o meu coração que não sei
como é feito

o meu coração

nem quero saber

crece

crece dentro do peito

a querer saltar cá para fora

professor

a ver se tu assim

compreenderias

e me farias

mais belos os dias.



PORTUGAL

Um arco-íris

Já dei a volta ao mundo,
Andei de Norte para Sul,
Corri as terras e os mares
Do nosso planeta azul.

Voei para a grande China
e só parei em Macau.
Com meninos amarelos
Fui comer arroz chau-chau.

Arranjei tantos amigos!
Foi fácil pois dessa vez
os meninos amarelos
falavam em português.

Rumei mais a oriente
e fui parar a Timor.
Lá, com meninos castanhos
dancei ao som de um tambor.

Arranjei tantos amigos!
Foi fácil pois dessa vez
os tais meninos castanhos
falavam em português.

Meti-me num avião
E só parei em Angola
Lá com meninos pretos, pretos
Muito joguei eu à bola.

Arranjei tantos amigos!
Foi fácil pois dessa vez
os meninos pretos, pretos
falavam em português.

Segui então para oeste,
vi o Brasil tropical.
Com uns meninos vermelhos
fiz de índio no carnaval.

Arranjei tantos amigos!
Foi fácil pois dessa vez
os tais meninos vermelhos
falavam em português.

De cores tão diferentes
Nós somos todos iguais
Formamos um arco-íris
Ninguém nos separa mais.



PORTUGAL

A cor que se tem

Quando for crescida
hei-de inventar
um perfume de encantar
Quem o cheirar
há-de ficar
com a cor de pele
que mais gostar.
Branco ou amarelo,
se preferir
preto ou vermelho
é só decidir.
Para alegrar
até estou a pensar
outras cores acrescentar.
Cor-de-rosa
Verde ou lilás
São cores bonitas
e tanto faz.
E assim
há-de chegar
o dia de acreditar
que o valor
de alguém
não se pode avaliar
pela cor que tem.

E então
tudo estará bem.

Maria Cândida Mendonça



PORTUGAL

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.



PORTUGAL

Vozes do mar

Quando o sol vai caindo sobre as águas
Num nervoso delíquio d'oiro intenso,
Donde vem essa voz cheia de mágoas
Com que falas à terra, ó mar imenso?...

Tu falas de festins, e cavalgadas
De cavaleiros errantes ao luar?
Falas de caravelas encantadas
Que dormem em teu seio a soluçar?

Tens cantos d'epopeias? Tens anseios
D'amarguras? Tu tens também receios,
Ó mar cheio de esperança e majestade?!

Donde vem essa voz, ó mar amigo?...
... Talvez a voz do Portugal antigo,
Chamando por Camões numa saudade!



PORTUGAL

Não fora o mar!

Não fora o mar,
e eu seria feliz na minha rua,
neste primeiro andar da minha casa
a ver, de dia, o sol, de noite a lua,
calada, quieta, sem um golpe de asa.

Não fora o mar,
e seriam contados os meus passos,
tantos para viver, para morrer,
tantos os movimentos dos meus braços,
pequena angústia, pequeno prazer.

Não fora o mar,
e os seus sonhos seriam sem violência
como irisadas bolas de sabão,
efêmero cristal, branca aparência,
e o resto — pingos de água em minha
mão.

Não fora o mar,
e este cruel desejo de aventura
seria vaga música ao sol pôr
nem sequer brasa viva, queimadura,
pouco mais que o perfume duma flor.

Não fora o mar
e o longo apelo, o canto da sereia,
apenas ilusão, miragem,
breve canção, passo breve na areia,
desejo balbuciante de viagem.

Não fora o mar
e, resignada, em vez de olhar os astros
tudo o que é alto, inacessível, fundo,
cimos, castelos, torres, nuvens, mastros,
iria de olhos baixos pelo mundo.

Não fora o mar
e o meu canto seria flor e mel,
asa de borboleta, rouxinol,
e não rude halali, garra cruel,
Águia Real que desafia o sol.

Não fora o mar
e este potro selvagem, sem arção,
crinas ao vento, com arreio,
meu altivo, indomável coração,

Não fora o mar
e comeria à mão,
não fora o mar
e aceitaria o freio.



PORTUGAL

É fácil trocar as palavras

É fácil trocar as palavras,
Difícil é interpretar os silêncios!
É fácil caminhar lado a lado,
Difícil é saber como se encontrar!
É fácil beijar o rosto,
Difícil é chegar ao coração!
É fácil apertar as mãos,
Difícil é reter o calor!
É fácil sentir o amor,
Difícil é conter sua torrente!

Como é por dentro outra pessoa?
Quem é que o saberá sonhar?
A alma de outrem é outro universo
Com que não há comunicação possível,
Com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição
De qualquer semelhança no fundo.



PORTUGAL

Esta língua portuguesa

A Língua que falas e escreves
é uma árvore de sons
que tem nos ramos as letras,
nas folhas os acentos
e nos frutos o sentido
de cada coisa que dizes. (...)

pois afinal esta língua
será sempre minha e tua.

Esta é a árvore de tudo
o que se diz em português
por não precisar de ser dito
em alemão ou em inglês,
pois temos orgulho bastante
para fazermos da nossa língua,
que já foi peregrina e navegante,
a pedra mais preciosa
seja em verso seja em prosa.

E o orgulho que temos
nesta Língua Portuguesa,
irá do berço para a escola
e da escola para a rua,
pondo em cada palavra
uma pepita de ouro
e uma centelha de lua,

José Jorge Letria



SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

O ossobó cantou

A cavalo do vento
A chuva chegou.
A chuva chegou
E o ossobó cantou.

Cantou o ossobó
Seu canto molhado
- Techuva já vêo?
- Já vêo siô.

Sob a folhagem amodorra e cobra preta
enquanto o potro e o menino do engenho
brincam e correm no terreiro os corpos molhados
do canto bonito do ossobó

- já vêo a chuva?
- Já vêo si siô.
- Não vêo, não siô.
- Ah! Já vêo que ossobó cantou.

Francisco José Tenreiro



TIMOR LESTE

Velhas florestas de agora

Eu tinha uma floresta
Quando era pequenino.
Ela era na montanha
No alto lá dos altos.
E havia outros meninos
Que tinham mais florestas
Nos altos lá dos altos.
As florestas serviam
Para todos brincarmos.
Espécie de poesia
De árvores e bichos:
O perfume do sândalo
A paz da casuarina
A flor do cafeeiro
A altura dos coqueiros
O estilo dos bambus
Os laços dos cipós
Os ecos dos toques
O riso dos macacos
O salto dos veados
O canto dos loricos.

As florestas serviam
Para todos brincarmos.
Mas não era a verdade.
Ilusão de meninos
As florestas serviam
Desde séculos e séculos
Como templo sagrado
De rezar liberdade .(...)
(excerto)

Fernando Sylvan

I

O homem sem cabeça

Era uma vez um rapaz chamado João que vivia em Chora -Que -Logo -Bebes, exígua aldeia aninhada perto do Muro construído em redor da Floresta Branca onde os homens, perdidos dos enigmas da infância, haviam estalado uma espécie de Parque de Reserva de Entes Fantásticos.

Apesar de ficar a pouca distância da povoação, ninguém se atrevia a devassar a floresta. Não só por se encontrar protegida pela altura descomunal do Muro, mas principalmente porque os choraquelogobebenses – infelizes chorincas que se lastimavam de manhã até a noite – mal tinham força para arrastar o bolor negro das sombras, quanto mais para se aventurarem a combater bichas de sete bocas, gigantes de cinco braços ou dragões de duas goelas. Preferiam choramingar, os maricas!, agachados em casebres sombrios, enquanto lá por fora chovia com persistência implacável (como se as nuvens estivessem forradas de olhos) e dos milhares e milhares de chorões – as árvores predilectas dessa gente – pingavam folhas tristes. Tudo isto incitava os habitantes da aldeia a andarem de monco caído, sempre constipados por causa da humidade, e a ouvirem com delícia canções de cemitério ganidas por cantores trajados de luto, ao som de instrumentos plangentes e monótonos.

O único que, talvez por capricho de contradizer o ambiente e instinto de refilar, resistia a esta choradeira pegada, era o nosso João que, em virtude duma contínua ostentação de bravata alegre e teimosa na luta, todos conheciam por João Sem Medo. Ora um dia, farto de tanta chorinque e de tanta miséria que gelava as casas e cobria os homens de verdete, disse à mãe que, conforme a tradição local, lacrimjava no seu canto de viúva:

–Mãe: não aturo mais isto. Vou saltar o Muro.

A pobre desatou logo aos berros de súplica que abalaram o Céu e a Terra:

–Ah! não vás, não vás, meu filho! Pois não sabes que essa Floresta Maltida está povoada de Canibais Mágicos que se alimentam de sangue de homens? Sim, meu filho, de sangue humano bebido por caveiras. Não vás! Não vás!

E durante horas não cessou de barregar, histérica:

– Ai que não torno a ver o meu rico filhinho!

Mas as implorações da mãe não impediram que, na manhã seguinte, João Sem Medo se esgueirasse de Chora -Que -Logo -Bebes e se dirigisse à socapa para o tal Muro que cercava a floresta e onde alguém escrevera este aviso:

É PROIBIDA A ENTRADA
A QUEM NÃO ANDAR
ESPANTADO DE EXISTIR

Nem leu o palavreado do letreiro até ao fim. Graças ao arrimo de uma trepadeira providencial e auxiliado pelas sentinelas invisíveis que guardavam aquela selva misteriosa e pretendiam facilitar -lhe a entrada, não sei com que intuitos secretos, chegou com agilidade ao topo da muralha. Uma vez lá em cima, o problema simplificou -se mais ainda.



AS AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO

Outra trepadeira miraculosa e pronto: João Sem Medo desceu a pulso, com os pés apoiados aqui e acolá nas juntas das pedras esverdeadas de musgo escorregadio. E assim conseguiu alcançar o solo da floresta que não tardou a explorar com lentidão prudente de quem receia ciladas e monstros ocultos no mato.

Ao princípio nada descobriu. Pela abóbada densa da folhagem penetravam a custo raríssimos raios de sol que, de espaço a espaço, acendiam manchas claras no chão fofo de séculos de líquenes, cogumelos apodrecidos e ramos secos.

Só passado um bom quarto de hora, quando os olhos se habituaram à meia treva, João Sem Medo deu conta deste espectáculo na verdade surpreendente: as árvores espreguiçavam-se, enquanto os pássaros, em lugar de cantarem, abriam os bicos em bocejos melancólicos. Ao mesmo tempo, alongadas na terra, com as cabecinhas de cores nos travesseiros das ervas, as flores ressonavam altos perfumes intensos. E as fontes embaladoras desdobravam o seu vagaroso sussurro de tédio dormente. O próprio João Sem Medo começou a sentir um torpor

de morte provisória a pesar-lhe nas pálpebras e a tolher-lhe os braços e as pernas. De tal forma que resolveu acordar-se com dois ou três gritos e insultos que vararam a Floresta Adormecida:

–Então aqui não vive ninguém? Nem nereidas, nem faunos, nem gnomos, nem nada? Foi para esta pasmaceira que eu escalei o Muro, digam-me lá?

E, após quilómetros de marcha sonâmbula aos pontapés às pedras e aos arbustos para não adormecer, acabou por desembocar numa vasta clareira batida pelo sol, onde se deteve, os olhos ofuscados pela luz súbita.

Quando os reabriu, verificou com um sorriso de compreensão irónica que da clareira partiam dois caminhos, os dois caminhos clássicos de todas as histórias de encantos e prodígios: um asfaltado, cómodo, ladeado de amendoeiras em flor; o outro, pedregoso e eriçado de espinhos, urtigas e urzes.

–Bem – pensou. – Cá estão os dois caminhos fatais: o do Bem e o do Mal. (Como se houvesse caminhos nítidos do Bem e do Mal!) Já esperava por eles. Agora, para completar a comédia, falta apenas a respectiva fada... Uma fada a valer, de varinha de condão, que regule o trânsito à laia de polícia sinaleiro. Lá sem fada é que eu não passo.

E pôs-se de novo aos gritos de troça:

–Eh! Fada dos bosques! Aparece, rica fada da minh' alma.

Então – ó pasmo dos pasmos! – João Sem Medo viu sair da espessura da floresta um ser prodigioso que de longe parecia uma mulher jovem e bela, cabelo loiro até a cintura, três estrelas de prata na testa, varinha na mão direita, roca na mão esquerda, túnica bordada de rubis e esmeraldas, chapins de latim e tudo o mais que as fadas costumam usar nos bailes de Entrudo.

No primeiro momento contemplou-a, deslumbrado. Mas, à medida que a observava mais de perto, o sorriso inicial desfez-se pouco a pouco em caretas de desconfiança.



AS AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO

– És a Fada dos Dois Caminhos? – inquiriu, duvidoso. – Palavra? Mostra cá o bilhete de identidade.

– Não acreditas? – protestou, para desviar a conversa, a hipotética fada com voz aflautada, voz de máscara aos guinchos. – Sim, sou a Fada Infalível, a Fada Lugar-Comum...

– Acredito, acredito... – concordou o rapaz por zombaria complacente.

E insistiu em examiná-la, com manifesta vontade de rir. E com razão. Pois a pseudofada parecia... Parecia, não. Era... Era mesmo um homem vestido de mulher, como se deduzia no desarrumo da cabeleira postiça à banda, no negror evidente da barba mal disfarçada por várias camadas de pó -de -arroz, além da maneira canhestra e hirta de andar e da falta daqueles mil e um ademanes femininos tão difíceis de imitar pelos homens. O jeito de pentear os cabelos com os dedos, por exemplo.

Embora não desejasse humilhá-lo, João Sem Medo não evitou um incondescendente riso de chacota.

– Que queres, filho? – explicou a fada falsificada, vexadíssima, a tropeçar na túnica. – Quando telefonaram para a Repartição da 3.^a Mágica a requisitar uma funcionária, só me encontrava lá eu, que sou contínuo, e uma fada já muito velhinha, muito perra, entrevada de reumatismo e com mais de 50 000 anos de serviço activo, quase na idade da reforma por inteiro, coitadinha! E então, por uma questão de prestígio, ofereci-me para esta fantochada. Nem quero pensar no que diria o Mago-Mor se não mandássemos uma fada válida para os Dois Caminhos. Pregava-nos uma descompostura tremenda. Foi por isso que me mascarei e vim... Não julgues, porém, que não percebo de artes mágicas!

E estadeou cheio de soberba vaidosa:

– Aqui, onde me vês, transformo com um piparote homens em ratos. E até deito flores pela boca. E sapinhos... Queres ver?

– Não, não – interrompeu João Sem Medo. – Acredito. Embora não entenda porque, sabendo tu tanto de artes mágicas, não te transfiguraste logo em mulher em vez de recorrer a esses ridículos caracóis postiços.

– Porque, segundo a regra primeira da Constituição Secreta do Mundo, só as aparências são susceptíveis de mudança e nunca o que existe de mais profundo nos seres. O sexo, por exemplo. Por mais que isso te espante, ser-me-ia fácil transformar -te em rato, mas nunca em rata.

– Bem, bem. Deixa -te de lérias – impacientou-se João Sem Medo. – E, já agora, toma a sério o teu papel de fada e aconselha -me qual dos caminhos devo seguir: o asfaltado ou o dos pedregulhos?

– Olha, menino – elucidou o contínuo, de roca debaixo do sovaco, a aconchegar a cabeleira para esconder melhor o luzidio da careca –, o bom caminho conduz à Felicidade. E o mau, à infelicidade...

– Vou pelo bom caminho, como é costume, claro – resolveu João Sem Medo, embora desconfiado de tanta facilidade aparente. – O contrário seria idiota e doentio.



AS AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO

E propunha -se iniciar a caminhada pela estrada das amendoeiras, quando a fada fingida o reteve com um gesto imperioso:

–Espera. Preciso de prevenir o guarda do Caminho da Felicidade por causa das formalidades da praxe. É só um minuto.

E, através do microfone de prata que extraiu da algibeira da túnica, enviou magicamente na língua das fadas, aliás muito parecida com o silêncio, uma mensagem ao tal guarda, por certo a muitas léguas de distância.

–Pronto – exclamou, no fim da conversa –, o automóvel vem já aí buscar -te. Adeus e felicidades.

E o marmanjão, agora de calva à mostra e túnica arregaçada, sumiu -se na floresta.

Daí a segundos, num fulgir de relâmpago, estacou perto de João Sem Medo um automóvel de ouro, sem condutor nem passageiros, de onde se desprenderam dois braços mecânicos que pegaram no rapaz com delicadeza cuidadosa e o recostaram nas almofadas. Em seguida, fechada a porta com rapidez automática, o carro despediu (a 3000 quilómetros à hora) e parou quase no instante da partida diante de uma casa de mármore branco em forma de cubo.

Janelas, nenhuma. Apenas uma portita ao centro. E na laje em frente da soleira, um cepo, um machado e uma pesadíssima cadeia de ouro.

– Que significa isto? – perguntou João ao ente misterioso que não guiava o automóvel mágico.

Mas o auto limitou -se a depô-lo em terra. E desapareceu no horizonte, mudo e faiscante, a acenar adeusinhos com um dos braços de metal...

Quase ao mesmo tempo assomou à porta do cubo uma figura monstruosa. Homem? Talvez; mas a quem tivessem decepado a cabeça, aberto dois olhos redondos no peito e talhado no estômago uma boca de lábios grossos e carnudos que tentaram sorrir para João Sem Medo enquanto articulavam esta saudação com voz desentoadada de ventríloquo:

– Que a paz e a estupidez sejam contigo. Vens preparado para a operação?

– Que operação? – interrogou João Sem Medo, suspeito.

O descabeçado, de cigarrilha na boca do estômago, expôs-lhe então com paciência burocrática:

–Ninguém pode seguir o caminho asfaltado que leva à Felicidade Completa sem se sujeitar a este programa bem óbvio. Primeiro: consentir que lhe cortem a cabeça para não pensar, não ter opinião nem criar piolhos ou ideias perigosas. Segundo e último: trazer nos pés e nas mãos correntes de ouro...

João Sem Medo ouriçou -se numa reacção instintiva:

–Nunca! Bem se vê que não tens a cabeça no seu lugar.

–Realizada esta insignificante intervenção cirúrgica – prosseguiu o monstro imperturbável –, ninguém te impedirá de gozar o resto da vida na boa da pândega e da abastança. E tudo de graça. Porque quem não tem cabeça não paga nada.

Esta gracinha parva ainda convenceu mais o nosso herói a obstinar -se na recusa:



AS AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO

– Não, nunca. Então prefiro o outro caminho.

– Palerma! – lamurinou o guarda com os olhos do peito marejados de lágrimas sinceras. Vais passar fome, sofrer dias de terror aflito...

– Deixá-lo. Prefiro tudo a viver sem cabeça. Nem calculas a falta que ela me faz.

– Não te faz falta nenhuma – contrariou o monstro, que acrescentou este comentário imbecil: – Pelo contrário: evitas o trabalho de ir ao cabeleireiro de quinze em quinze dias.

Mas ante uma careta de João Sem Medo apressou-se a afrouxar-lhe a cólera com esta proposta:

– Ainda tens talvez outra hipótese. Invocar o parágrafo 100 do artigo 4579 do Regulamento Interno e requerer a concessão que todos os Homens de Representação Pública costumam obter automaticamente em virtude das exigências estéticas do seu cargo. Isto é: em certos casos especiais, os cirurgiões, em vez de degolarem os felizardos, sugam-lhes os cérebros por palhinhas, deixando a casca por fora intacta, para inglês ver... Oh!, espera, espera! Não te vás embora ainda. Escuta. Também podes requerer a substituição da cabeça. Por uma melancia, por exemplo. Ou uma bola de futebol que é o enxerto mais vulgar. Ou uma bolinha de ténis que fica sempre tão bem nas pessoas finas, elegantes, esbeltas... Espera. Ouve.

Mas João Sem Medo nem lhe respondeu. Já ia longe, passo bem marcado, orgulhoso de sentir a cabeça nos ombros. E horas depois, quando chegou à clareira, enveredou, decidido, pelo caminho dos cardos e das árvores sinistras, a gritar desafiante para a floresta:

– Bem sei que podem perseguir -me, arrancar -me os olhos, torcer -me as orelhas, transformar -me em lagarto, em morcego, em aranha, em lacrau! Mas juro que não hei -de ser infeliz porque não quero.

E João Sem Medo continuou a subir o caminho árduo, resolutivo na sua pertinácia de ocultar o medo – a única valentia verdadeira dos homens verdadeiros.

José Gomes Ferreira



FICHA TÉCNICA

Coordenação: Regina dos Santos Duarte

Compilação dos textos: Teresa Dangerfield

Colaboração: Ana Cristina Silva, Graça Ramos, Carlos Xastre,
Carlos Ferreira, José Gomes, Márcia Fortuna, Purificação Di-Toro, Vanda Araújo

Design: Nuno Silva